

O PESADELO DO CELTA: UMA TRADUÇÃO REVISIONISTA DA HISTÓRIA DE ROGER CASEMENT

Davi Silva Gonçalves¹

Resumo: Neste artigo, partindo de alguns pressupostos dos estudos periféricos pós-coloniais e de gênero e sexualidade, discuto se, e de que maneira, podemos entender *O sonho do celta* (LLOSA, 2011) como uma tradução revisionista da história do diplomata Roger Casement – que, apagado da memória popular, é finalmente resgatado pelo romance supracitado. Marcado pelo estigma da pedofilia e da homossexualidade, pensados, inclusive, de maneira análoga, Casement nunca recebera o crédito merecido; e nunca foi julgado sob uma ótica capaz de dar conta de sua complexidade. Sem a ambição de reaver uma historicidade concreta de uma obra literária e, portanto, fictícia, a análise busca apenas sugerir que personagens históricos também podem ser traduzidos e retraduzidos através da arte – recebendo uma nova roupagem e compartilhando, com novos públicos, identidades bem mais fluídas do que a fixidez com a qual aprendemos a nos acostumar.

Palavras-chave: Tradução. Romance histórico. Estudos periféricos. Sexualidade. Roger Casement

THE NIGHTMARE OF THE CELT: A REVISIONIST TRANSLATION OF ROGER CASEMENT'S HISTORY

Abstract: In this article, relying on some of the assumptions from postcolonial, gender, and sexuality studies, I discuss if, and, if so, how, one might understand *O sonho do celta* (LLOSA, 2011) as a revisionist translation of diplomat Roger Casement's history – whom, erased from popular memory, is finally rescued by the mentioned novel. Marked by the stigma of pedophilia and homosexuality, thought of as analogous issues, Casement has never gotten the deserved; and he has never been judged by a lens capable of dealing with his complex construction. With no intention of seizing any concrete historicity within a literary, therefore fictional, piece, my analysis aims at suggesting how historical characters might also be translated and retranslated through art – receiving a new layer and sharing, with new audiences, more fluid identities in comparison to the fixity we have learned to get used with.

Keywords: Translation. Historical novel. Peripheral studies. Sexuality. Roger Casement

¹ Doutor em Estudos da Tradução. Departamento de Letras, UNICENTRO/Irati

O patriotismo é o último refúgio dos canalhas.

(Mario Vargas Llosa, *O sonho do celta*, 2011, p. 162)

1 Introdução

O trecho do romance *O sonho do celta* (LLOSA, 2011), que trago como a epígrafe desse artigo, consiste no momento em que o personagem histórico Roger Casement passa a questionar os seus próprios preceitos fundamentais: um dos maiores deles, o patriotismo. Partindo da premissa que a aplicação hipócrita desse termo, bem como de todos os epistemes a ele associados, segue operante em nossa sociedade contemporânea, a reflexão aqui proposta emerge de uma reflexão que me parece urgente, acerca de um revolucionário historicamente invisibilizado, silenciado e injustiçado. O romance supracitado, que ficcionaliza o período de vida do ex-cônsul desde o fim do século XIX até o início do século XX, “proporciona aos leitores um contato com as ações do personagem junto a seus familiares, colegas de trabalho, autoridades, negros africanos, índios amazônicos, amigos e inimigos na Irlanda e na Inglaterra” (WITT, 2012, p. 2). Neste artigo, partindo de alguns pressupostos dos estudos periféricos pós-coloniais e de gênero e sexualidade, discuto se, e de que maneira, podemos entender esse romance como uma tradução revisionista da história desta personagem – que, apagada da memória popular por razões que discutirei, é finalmente capturada por Vargas Llosa (2011).

Nas palavras de Agra (2013, p. 3), “[c]om seu desenvolvimento, os estudos pós-coloniais passaram a discutir não só o colonialismo e seus efeitos, mas toda e qualquer forma de opressão, injustiça, desigualdade e exploração”. Pensando os estudos periféricos como um guarda-chuva necessário, vejo em Roger Casement uma transformação muito frutífera para repensarmos os paradigmas que

lhe são caros – antes de ele tomar consciência de algumas ações que outrora defenderia. Isto é, antes um defensor das campanhas coloniais, depois das experiências vividas principalmente no Congo, no Brasil e no Peru, é notável a postura crítica que a personagem desenvolve contra a coroa britânica – coerente também com sua luta pela independência da Irlanda, seu país de origem. Assim, Casement “parte de uma visão imperialista civilizadora para um visão anti-imperialista e de resistência revolucionária, culminando em sua morte” (WITT, 2012, p. 113). Assassinado por ter cometido o crime de traição, a coroa britânica sabia que esse motivo seria para acalmar os ânimos dos irlandeses, em busca de independência. A Irlanda de Casement era tão fervorosa sobre sua nação quanto era com relação à sua religião; felizmente, para a coroa, Casement cometera um pecado muito mais capital: o da homossexualidade. Sobre ela:

A existência do homossexual moderno é um fenômeno recente [...], mas a presença de variadas formas de relacionamento erótico entre pessoas do mesmo gênero está bastante documentada, dos poemas homéricos até os sonetos de Shakespeare, isto é, durante toda a história da literatura até a era moderna. Desde então, esse “fenômeno” ganhou nome e rosto, com a criação de indivíduos – os homossexuais – cujas práticas foram submetidas à descrição patológica e cujas identidades revelaram-se marcadas pela diferença. Os sujeitos homossexuais passaram a ser descritos sob um ponto de vista que privilegiava sua marginalidade, sexualidade como vício ou doença e sob o signo da tragédia. Essas representações literárias aos poucos dialogariam com uma literatura mais sintonizada com a experiência homossexual como um dado humano, sem os traços que a definiram negativamente no século XIX. (SILVA, 2017, p. 4)

Longe de reforçar esse tabu, Vargas Llosa (2011) resgata Roger Casement da periferia da história e transforma essa figura tão questionada moralmente em algo muito mais próximo daquilo que ela realmente teria sido: um ser humano assombrado por suas dúvidas, medos e crenças, mas também agraciado com uma capacidade crítica grande o suficiente para que ele fosse capaz de

olhar para dentro de si mesmo, transformando tudo aquilo que um dia parecia fixo para ele. A essa sua condição fronteiriça Witt (2012, p. 90) chama de entrelugar: o entrelugar “do Casement educado e defensor dos direitos humanos – que estava preso por se opor ao sistema colonialista – e do Casement que a imprensa pública e acusa de traidor, pedófilo e homossexual” (WITT, 2012, p. 90). Marcado pelo estigma da pedofilia e da homossexualidade pensadas, inclusive, de maneira análoga, Casement nunca recebera o crédito merecido; e nunca foi julgado sob uma ótica capaz de dar conta de sua complexidade. Sem a ambição de reaver uma historicidade concreta de uma obra literária e, portanto, fictícia, a análise busca apenas sugerir que personagens históricos também podem ser traduzidos e retraduzidos através da arte – recebendo uma nova roupagem e compartilhando com novos públicos de identidades bem mais fluídas do que a fixidez com a qual aprendemos a nos acostumar.

2 Discussão

Nascido em Dublin no ano de 1864, Casement foi batizado por sua mãe no país de Gales, em segredo, como católico; apesar disso, seu pai o criaria como protestante – e essa já é uma primeira situação de entrelugar que em sua vida se manifesta. Sua família privilegiada contava com muitos membros que conheceram, em viagens, distantes partes do mundo: e, a Roger, quem mais lhe impressionava era seu tio Edward: o primeiro europeu a cruzar a África de uma costa a outra, a percorrer o Kalahari e um dos grandes heróis populares de todo o império britânico (ao contrário daquilo que ele mesmo um dia se tornaria). “Roger sonhava com ele, lia os folhetos que descreviam as suas proezas e ansiava participar das suas expedições, enfrentar os perigos ao seu lado, ajudá-lo a levar a religião cristã àqueles pagãos que ainda

não tinham saído da Idade da Pedra” (LLOSA, 2011, p. 22). Quando ele, enfim, tem a oportunidade de empreender suas próprias expedições, passa então a problematizá-las. Quando questiona o jornalista galês Henry Morton Stanley acerca do impacto que os colonizadores estavam causando na cultura dos congoleses, este lhe responde que: “Se soubessem o que nós fazemos por eles, beijariam os nossos pés. Mas seu nível mental é mais próximo do crocodilo e do hipopótamo que de você ou de mim” (LLOSA, 2011, p. 40).

Ao ver as atrocidades cometidas em nome da campanha civilizatória, Casement passa então a se perguntar em que a religião dos colonizadores era superior do que a dos congoleses; porque eram eles os bárbaros? Após a conversa com Stanley, confuso, ele vai se deitar; e é ali, segundo o narrador, que a sua santíssima Trindade pessoal dos três “C” (cristianismo, civilização e comércio) finalmente desaba. Enviado para o Congo pelo governo, com o intuito de investigar se havia algum abuso de direitos humanos na colônia do rei belga Leopoldo II, os congoleses o interpretam equivocadamente como uma espécie de messias – simplesmente porque ele percorria o país fazendo perguntas acerca do tratamento que eles vinham recebendo. “Roger explicava inutilmente. Não tinha nenhum poder. Ia relatar essas injustiças e crimes, e a Grã-Bretanha e seus aliados exigiriam do governo belga que acabasse com os abusos e castigasse os torturadores e criminosos. Era só o que podia fazer” (LLOSA, 2011, p. 80). Segundo o narrador, os nativos mais falavam que ouviam: “Os intérpretes tinham que interrompê-los, pedindo que falassem mais devagar para que pudessem fazer bem o seu trabalho” (LLOSA, 2011, p. 80).

O trabalho de Casement, bem como dos intérpretes, é naturalizado sob a égide da passividade e da indiferença – como se sua função não passasse daquela de um intermediário, alguém que leva uma coisa de um lugar a outro, sem necessariamente

ter que assumir responsabilidade nenhuma com relação a ela. Viver com tal despreendimento pode parecer confortável, mas, no fundo, quem seria capaz? Casement passa a ser perseguido por pesadelos perturbadores em que revê as cenas de brutalidades vividas e as que foram relatadas pelos nativos – os corpos negros rasgados pelas chibatadas, ou estuprados pelos brancos europeus que sentiam um misto de nojo e lascívia ao mesmo tempo. “Era sempre igual, os mesmos fatos que se repetiam em todas as aldeias e vilas onde Roger Casement chegava com suas cadernetas, seu lápis e sua câmera fotográfica” (LLOSA, 2011, p. 82). Quando leva suas inquietações para um Marcel Junieux, alegando questionando se o objetivo dos invasores era mesmo o de trazer civilização, cristianismo e comércio para a região, ele se surpreende com sua ingenuidade e idealismo: “A expressão do capitão Junieux mudou e Roger pensou que, de repente, o rosto do oficial tinha substituído a máscara hierática por outra mais humana. Que o olhava, até, com a simpatia piedosa que os idiotas merecem” (LLOSA, 2011, p. 89).

Agra (2013, p. 2) expõe como o projeto de ocidentalização, empreendido a partir do século XV, progressivamente legitima a imposição dos sistemas hegemônicos centrais nas periferias do planeta: “Esse processo implicou na construção ideológica que permitiria fabricar peça por peça, a inferioridade de suas vítimas, mecanismo ideológico que serviu para justificar toda sorte de injustiças”. Casement toma consciência disso, percebendo que seus “irmãos” europeus não haviam chegado no Congo para trazer justiça e salvação, muito pelo contrário. Então, ele se pergunta: “Como era possível que a colonização tivesse se transformado nesta horrível rapina, nesta crueldade vertiginosa em que gente que se dizia cristã torturava, mutilava, matava seres indefesos e os submetia a crueldades tão atrozes, mesmo as crianças, os velhos?” (LLOSA, 2011, p. 93). Desgostoso inclusive com sua própria função

na colônia, Casement continua entrevistando os congolenses, muitos lhe exibindo seus membros amputados e perguntando por entes desaparecidos. Sufocado por aquele espaço gigantesco de um dor tão austera e pungente, ele “[c]hegou a pensar que o sofrimento generalizado dos congoleses impregnava o ar, o rio e a vegetação à sua volta com um cheiro particular, uma pestilência que não era só física, mas também espiritual, metafísica” (LLOSA, 2011, p. 94). Era depois de dias assim que, por vezes, ele chegaria em casa com o seguinte pensamento: “‘Devo estar com o fedor de todas as porcarias do mundo’, disse Roger, apontando para o seu uniforme lanoso de cor azul” (LLOSA, 2011, p. 26).

Apesar de tão gráficas, todas essas cenas que permeiam a vida de Casement não são o suficiente para inibir uma sensibilidade que, desde criança, ele manifestava – e a evidência mais significativa disso talvez seja que ele sempre foi um leitor voraz e escritor de poemas. A presença simbólica e metafórica dos pássaros em seu imaginário, que ocorre ao longo da narrativa, é coerente com essa sensibilidade. “Roger se lembrou do mal-estar que sentia sempre que entrava numa casa e descobria que nela havia um aviário. Os canários, pintassilgos ou papagaios engaiolados sempre lhe pareciam vítimas de uma crueldade inútil” (LLOSA, 2011, p. 25). Muitos dos seus pesadelos vão remetê-lo a essa mesma ideia, como na ocasião em que ele sonhara com “um canário de voz límpida martirizado pelas grades da gaiola onde estava preso. Isso era visível pelo desespero com que batia sem parar as asinhas douradas, como se as grades fossem se abrir com esse movimento para deixá-lo ir embora” (LLOSA, 2011, p. 315). Casement entendia que os olhos do pássaro pediam por compaixão, mas, ao mesmo tempo, ele não conseguia se mover porque “um perigo o estava rondando, uma coisa invisível que sua sensibilidade detectava, algo insidioso, traiçoeiro, que já estava ali e se preparava

para golpear. Ele estava suando, tremendo como uma vara verde” (LLOSA, 2011, p. 316). Talvez, aqui, os pássaros representem tudo aquilo que Casement gostaria de poder ter forças para fazer ou transformar – e o perigo, pronto para lhe golpear, a sua própria morte (a cada momento mais passível de ser premeditada).

Quando está no Peru, o dono da principal companhia seringueira da região argumenta que os “selvagens” são muito primitivos, alguns canibais, e que nada neles é cristão ou humano: “Nós devemos deixar que eles afoguem as crianças que nascem com deformidades? Um lábio leporino, por exemplo. Não, porque o infanticídio também não é cristão, certo?” (LLOSA, 2011, p. 152). Aqui, o senhor Arana nos lembra o quanto é comum que comportamentos específicos de algumas culturas aborígenes sirvam de justificativa para o injustificável. Quando conhece o cônsul britânico, Casement chega a cogitar a possibilidade de ter nele um aliado. Porém, ele percebe que se equivoca: o cônsul, inclusive, argumenta a favor do roubo e venda de criados para benefício dos europeus. “Seria mil vezes pior que crescessem nas tribos, comendo piolhos, morrendo de febres terçãs e de qualquer peste antes e fazer dez anos” (LLOSA, 2011, p. 179). Sobre os “funcionários” do próprio cônsul, Casement o questiona: “Desculpe a impertinência, mas o senhor contratou ou comprou os quatro criados que tem?’ Herdei.’ Respondeu, secamente, o cônsul britânico. ‘Faziam parte da casa quando meu antecessor foi para a Inglaterra” (LLOSA, 2011, p. 178). Em conversa com padre Urrutia (este, sim, um aliado), Casement entende que os policiais e juizes nada fazem a esse respeito pois eles também têm seus escravos e escravas pessoais. Sobre as meninas, o padre acrescenta: “O que iriam fazer as autoridades com as meninas resgatadas? Ficar com elas ou vendê-las, é claro. Nem sempre às famílias. Às vezes aos prostíbulos, para fazer o que o senhor imagina” (LLOSA, 2011, p. 154).

O mito da fluidez pós-moderna, que muitas vezes é propagado por um discurso vazio e infrutífero, não permite mobilidade para meninas na situação elencada pelo padre: seus pais estão mortos, suas tribos não existem e elas estão estagnadas no vazio do ser e do não ser ao mesmo tempo. De acordo com Butler (1998, p. 213), uma real mobilidade só seria possível “se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de sujeitos prontos”. Longe de serem “sujeitos prontos”, as indígenas são levadas durante as chamadas correrias: ataques às aldeias para escravização de famílias inteiras (mais de meio século depois do fim da escravidão). Os homens são vendidos para as companhias de borracha, as mulheres e as meninas para as famílias de bem. “Todas têm uma, duas, cinco empregadinhas. Escravas, na realidade. Trabalhando dia e noite, dormindo com os animais, levando surras por qualquer motivo, além, claro, de servir para a iniciação sexual dos filhos da família” (LLOSA, 2011, p. 153). Casement fica impressionado por ver se repetir no Peru e no Brasil, muito daquilo que ele havia visto no Congo. Butler (1998, p. 213) alega que desconstruir identidade não é análogo a desconstruir a política; mesmo porque a própria ideia de desconstrução deveria estabelecer “como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura fundante em que o feminismo, como política de identidade, vem-se articulando” (BUTLER, 1998, p. 213). Nesse sentido, para mulheres tão vulneráveis quanto essas indígenas, a premissa da fluidez inexistente – já que elas são impedidas de sequer sair do lugar.

“Por que esses indígenas não tentaram se rebelar?” Perguntou durante o jantar o botânico Walter Folk. E continuou. “É verdade que eles não têm armas de fogo. Mas são muitos, poderiam se revoltar e, mesmo

morrendo alguns, dominar seus carrascos pelo número.” Roger respondeu que não era tão simples. Eles não se rebelavam pelas mesmas razões que na África os congoleses tampouco o fizeram. Essas coisas só aconteciam excepcionalmente em casos localizados e esporádicos, atos de suicídio de um indivíduo ou de um pequeno grupo. Porque, quando o sistema de exploração era tão extremo, destruía os espíritos antes dos corpos. A violência de que eles eram vítimas aniquilava a sua vontade de resistência, o instinto de sobreviver, transformava os indígenas em autômatos paralisados pela confusão e pelo terror. Muitos não entendiam o que estava acontecendo como uma consequência da maldade de homens concretos e específicos, mas como um cataclismo mítico, uma maldição dos deuses, um castigo contra o qual não tinham escapatória. (LLOSA, 2011, p. 192)

Calejado pela realidade do Congo e da região amazônica brasileira e peruana, Casement mostra como os nativos colonizados e recolonizados foram tolhidos de energia vital: sem alma, não tinham razão para se revoltar. Como bem explica Agra (2013, p. 3), “com a passagem do tempo, os colonizados passam a acreditar que sua condição de subalternidade faz parte da ordem das coisas”. Assim, torna-se mais fácil de oprimilos – já que as ganas para resistir são, pouco a pouco, suprimidas pela humilhação que lhes é imposta. Ao pensar nessas inocentes meninas que sofrem ainda mais do que os meninos enviados aos seringais, Casement se enoja. Arrancadas de sua cultura, tribo, famílias, elas passariam a vida “varrendo, esfregando, cozinhando, limpando latrinas, lavando roupa suja, xingadas, espancadas, estupradas pelo patrão ou pelos filhos do patrão. A mesma história de sempre. A história que não acaba nunca” (LLOSA, 2011, p. 156). Os corpos de mulheres exploradas, em todos os sentidos, vão se multiplicando na memória de Casement. Butler (1998, p. 79) defende a construção de um conceito unificado de mulher: se a experiência feminina é mundialmente uma experiência de exploração e humilhação, inviabilizar essa universalidade em prol de identitarismos relativistas configura em um obstáculo ontológico para as lutas por igualdade de

gênero. “Quem constitui o ‘quem’, o sujeito para o qual o feminismo busca uma libertação? Se não existe sujeito, a quem vamos emancipar?”

Não existe sujeito se, essencialmente, não existe humanidade. Objetificadas, as escravas domésticas que Casement encontra são, também, constantemente trocadas: “Com esse clima, as mulheres se gastam muito rápido; é preciso renovar o tempo todo, como a roupa” (LLOSA, 2011, p. 194). A fala do barbadiano Frederick Bishop reitera essa objetificação. Enfiados nas florestas, os homens indígenas são forçados a deixar suas mulheres e filhos com os brancos. O trabalho doméstico era o mínimo: o estupro e a pedofilia eram acontecimentos comuns. Quando os homens voltavam, se não traziam a cota mínima de borracha (pesada em balanças adulteradas), eram penalizados com mutilações ou com a morte – sua e/ou de seus entes. Em um espaço de três meses, a borracha estaria pronta para ser exportada: como se a narrativa que acabo de descrever se tratasse tão apenas de um simples negócio. De camarote, Casement assiste a tudo com a “sensação desesperadora de estar pisando em areias movediças, andando num chão lodoso que o engolia e onde seus esforços só serviam para afundá-lo ainda mais naquela matéria viscosa que terminaria por degluti-lo” (LLOSA, 2011, p. 263). Em um dado momento, Casement fantasia sobre a implosão daquele sistema. Ele imagina a floresta amazônica cobrindo toda a sujeira do homem branco com seus cipós, arbustos, selvas; e ele imagina os gritos das meninas sendo substituído pelo canto dos pássaros. As tempestades, em poucos anos, lavariam aquele passado de cobiça e crueldade branca e “a madeira das construções iria apodrecendo por causa das chuvas e as casas, caindo com suas madeiras devoradas pelas térmitas” (LLOSA, 2011, p. 292).

Imperialista reformado, Casement se despe da falácia do progresso e da salvação;

e passa a questionar profundamente aqueles que, antigamente, eram seus ídolos e aliados. O crescimento exponencial de seu desgosto com relação ao Reino Unido é proporcional à sua batalha para a separação e independência total da Irlanda – também explorada pelos interesses londrinos. Uma vez seu melhor amigo no Congo, a personagem Herbert se cansa desse discurso – e argumenta que Casement deveria ter vergonha de cuspir no prato de onde comia, depois tantas condecorações e de ter servido por tantos anos ao império. “Isso não significa nada para você?”, disse Herbert. ‘Eu deveria me tornar colonialista, como forma de agradecimento?’, perguntou Casement. ‘Deveria aceitar para a Irlanda o que nós recusamos para o Congo?’” (LLOSA, 2011, p. 332). Herbert tenta invalidar sua analogia, expondo as ciclópicas diferenças entre o Congo e a Irlanda, a que Casement responde: “Os métodos da colonização são mais refinados na Europa, Herbert, mas não menos cruéis” (LLOSA, 2011, p. 332). Um crescente incômodo para a coroa britânica, Roger cometera um erro de proporções fenomenais: durante a Primeira Guerra Mundial, ele procura, na Alemanha, um possível patrocínio para compra de armas em prol daquilo que seria a Revolta da Páscoa (1916) – uma primeira tentativa dos irlandeses de conquistar a independência (porém, suprimida em menos de uma semana pelos ingleses), e que eventualmente culminaria na Guerra de Independência da Irlanda, três anos depois disso. Ingênuo, já que os alemães nunca se importariam com a agenda irlandesa, Casement não percebe que o pior que poderia acontecer não era apenas a aliança não dar certo: mas, sim, entregar de mãos beijadas uma inegável justificativa para a sua perseguição por parte da coroa.

Precisamente, em três de agosto de 1916, ele é executado, como ocorre também com os outros líderes da Revolta da Páscoa. Porém, para justificar a execução de um diplomata que por tantos anos

havia servido ao Império Britânico, sua associação (ainda que nula) com os alemães dá a ele a sentença de traidor da pátria. Para os separatistas irlandeses, entretanto, essa desculpa não seria suficiente. Por isso, temendo que o enforcamento de Casement incendiasse ainda mais os separatistas irlandeses, o governo britânico empreende paralelamente um plano para sua difamação. Ciente de que a ala mais patriota da Irlanda sempre foi também a mais reacionária (por ser amplamente formada por católicos fervorosos que se revoltam contra a imposição do anglicanismo e o rompimento com Vaticano), a coroa se beneficia desse conservadorismo. Homossexual, Casement não tardaria a ser pintado como um sujeito depravado – ainda mais contando com os seus diários, onde ele mesmo confessara todos os seus “pecados”. Seu descuido com esse documento tão derogatório é descrito pelo narrador como “uma negligência que seria muito bem-aproveitada pelo Império e que abraçaria por muito tempo a verdade da sua vida, do seu comportamento político e até da sua morte” (LLOSA, 2011, p. 315). Publicado postumamente por Jeffrey Dugdeon, em 2016, os escritos de Casement utilizados para difamá-lo estão hoje disponíveis para quem tiver o interesse de ler. Escrever era a maneira em Casement encontrava para viver aquilo que não poderia fora das páginas do diário. Ele, mesmo, extremamente religioso, tinha ciência de que o seu “Eu” público precisava manter aquele seu “Outro”, privado, o mais silenciado quanto fosse possível – escondido nas ruínas daquela identidade que ele construía para ele, mas que, pouco a pouco, desabava.

Quando discute essa alteridade da identidade homossexual, Silva (2017, p. 7) postula que “o Outro, que aqui é o homossexual, precisa decifrar essas ruínas para (re)construir seus próprios modos de ser que não são representados hegemonicamente”. Desde sua infância (ao perceber que apreciava mais os corpos dos homens

do que aquele das mulheres), o puritanismo e moralismo inglês foi capaz de reprimir, na figura de seus rígidos familiares, os reais desejos de Casement. Ele, por sua vez, não busca se libertar, por ser também “fiel a um meio em que a simples suspeita de atração sexual entre pessoas do mesmo sexo era considerada uma aberração abominável, corretamente condenada pela lei e pela religião como delito e pecado” (LLOSA, 2011, p. 242). Seu interesse pela fotografia em muito se relacionava a isso; pois permitia que ele admirasse, ainda que a uma certa distância os “corpos masculinos esbeltos e bonitos que o atraíam, enganado a si mesmo com a desculpa de que essa atração era apenas estética” (LLOSA, 2011, p. 242). Sua primeira relação sexual mais concreta, segundo a narradora, acontece com um congolense durante sua viagem para a África, quando ele já tem cerca de trinta anos de idade. Seu remorso é grande, bem como sua vontade de “se corrigir”: “Pela sua honra, pela memória da sua mãe, pela sua religião, aquilo não ia se repetir” (LLOSA, 2011, p. 243). Evidentemente, tendo vivido sua primeira experiência, ele não cumpre com essa promessa: e segue usufruindo de relações homossexuais, ainda que sempre sem compromisso e, na maior parte das vezes, contratando esse tipo de serviço:

Muitos amantes eventuais – dezenas, talvez centenas. Nem uma só relação de amor. Sexo puro, apressado e animal. Por isso, quando fazia um balanço da sua vida sexual e sentimental, Roger pensava que tinha sido tardia e austera, feita de aventuras esporádicas e sempre velozes, tão passageiras, tão sem conseqüências como aquela do arroio com cachoeiras e poços nos arredores daquilo que ainda era um acampamento meio perdido em algum lugar do Baixo Congo chamado Boma. Foi tomado pela tristeza profunda que quase sempre se seguia aos seus furtivos encontros amorosos, geralmente ao ar livre, como o primeiro, com homens e rapazes frequentemente estrangeiros cujos nomes ignorava ou esquecia na mesma hora. Eram momentos efêmeros de prazer, nada que pudesse ser comparado com uma relação estável, desenvolvida ao longo de meses e anos, em que foram se somando à paixão coisas como compreensão, cumplicidade, amizade, diálogo e solidariedade, a relação

que ele sempre tinha invejado entre Herbert e Sarita Ward. Este era mais um dos grandes vazios, das grandes nostalgias da sua vida. (LLOSA, 2011, p. 245)

O esquecimento dos nomes desses amantes eventuais, faz parte do projeto de não viver realmente uma história de amor – e, sim, apenas saciar uma necessidade, como se alimentar ou dormir. Reprimindo sua real identidade, Casement opta por esses momentos efêmeros de prazer porque uma relação estável entre dois homens, levando em conta sua religiosidade e seu contexto espaço-temporal, não seria possível. É precisamente isso que ele inveja ao ver um casal heterossexual; e é precisamente isso que ele não consegue ver em uma relação homoafetiva. É inegável que a postura de Casement, bem como de muitas outras figuras históricas acuadas por uma tradição amplamente reacionária, acaba por contribuir consideravelmente para a manutenção de uma impressão muito equivocada: a de que certas figuras não “existiram” no passado, quando, no caso, elas existiram de uma maneira silenciada (existiram pela metade). Isso também ocorre com mulheres, negros, transexuais, nativos e muitos outros sujeitos rechaçados pela narrativa mestre. “Essa leitura permite retraçar a história submersa dos oprimidos e sua presença no mundo. É, portanto, por um ato do leitor, de sua responsabilidade com o literário também, onde se desenterra e se desenha a história daqueles que não têm história” (SILVA, 2017, p. 7). Seria ingênuo pensar que recontar a história de Casement na forma de ficção resolveria todos os problemas com a sua imagem. Assim, Silva (2017, p. 7) conclui seu argumento dizendo que “o texto literário ajuda apenas a recompor uma história que, por isso, sempre terá as feições de uma ruína. Sempre inacabada, perene e perecível”.

Em ruínas, a identidade de Casement só se liberta em pensamentos, sonhos e, como posto, nas entradas em seu diário: “Na manhã seguinte,

enquanto tomava o café da manhã, abriu seu diário e, escrevendo devagar e com uma letra apertada, fez amor com Miguel várias vezes” (LLOSA, 2011, p. 327). Casement admira e se interessa por muitos homens diferentes que encontra, como o próprio Miguel – mas a forma de interação possível com eles reside apenas dentro das fronteiras bem demarcadas de sua imaginação. De acordo com Witt (2012, p. 62), “em sonhos, portanto, ele tem uma experiência homossexual, afastando-se assim do cenário das investigações e realizando aquilo que na vida real estava impossibilitado de fazer”. A “escolha” de Casement, entre aspas, acaba servindo como única via para muitos sujeitos que não se enquadram na narrativa heterossexual; isto porque a identidade sexual não se desvela na superfície do corpo (como ocorre com a cor de pele). Não sendo um povo, muito menos grupo étnico, os homossexuais “podem viver sem jamais sofrerem qualquer tipo de opressão, desde que anulem a expressão de suas sexualidades e é a maneira com que lidam com esta situação que em parte define suas subjetividades” (SILVA, 2017, p. 5). Em todas as classes, em todos os gêneros e em todos os lugares e momentos da história existem e existiram homossexuais. “Os graus de opressão a que são submetidos podem variar dependendo desses fatores e da exposição que fazem de si mesmos. Essa problemática enraíza suas próprias identidades, frequentemente sujeitas à contestação ontológica” (SILVA, 2017, p. 5). No frígir dos ovos, então, Casement se esconde pelo simples motivo que ele pode.

A sensibilidade de quem reside no entrelugar, de quem não se encaixa na maneira de ser das coisas, pode ter contribuído para que Casement olhasse tudo ao seu redor com o olhar crítico de alguém que está sempre pronto para questionar – muitas vezes mesmo os paradigmas mais inquestionáveis de sua geração. Com sucesso, a narradora renegocia a história de Casement – construindo um sujeito confuso, perdido e, principalmente,

fronteiriço: o arquétipo do entrelugar da tradução. “O entrelugar é o que permite que comecemos a questionar histórias antinacionalistas acerca dos povos. Nesse terceiro espaço, passa a ser possível desviar de políticas polarizantes e ressurgir como os outros de nós mesmos” (BHABHA, 1994, p. 39). O outro de si mesmo, Casement se transforma e tenta transformar sua realidade e aquela de sua nação. Tanto não consegue como é humilhado no processo e, após sua morte, tudo aquilo que ele reprime é escancarado da pior forma possível. Isso porque, dentre outras coisas, há uma autorização judicial para que o médico legista Percy Normal, depois da execução de Casement, lhe examine o ânus de modo a “confirmar” sua perversão sexual. “O ânus revelava uma clara dilatação, assim como a parte inferior do intestino, até onde alcançavam os dedos de sua mão. O médico concluiu que sua exploração confirmava as práticas a que o executado aparentemente era inclinado” (LLOSA, 2011, p. 375). A “condição” física em que o ânus de Casement estaria interessava muito pouco para as autoridades britânicas – é na humilhação de seus feitos que mora o ingrediente secreto de seu apagamento histórico:

Levou um bom tempo até que ele fosse admitido no panteão de heróis da independência da Irlanda. A tortuosa campanha orquestrada pela inteligência britânica para desmoralizá-lo, utilizando fragmentos dos seus diários, foi bem-sucedida. Nem mesmo hoje está totalmente dissipada: uma auréola sombria de homossexualismo [sic.] e pedofilia acompanhou sua imagem ao longo de todo o século XX, o nome e as façanhas e penúrias de Roger Casement ficaram confinados em ensaios políticos, artigos jornalísticos e biografias de historiadores, muitos deles ingleses. (LLOSA, 2011, p. 384)

No Brasil, no Peru, ou no próprio Reino Unido, Roger Casement segue a patinar na periferia da história do ocidente. A República

da Irlanda e a Irlanda do Norte são os dois países que, evidentemente, mais fazem jus a sua participação histórica, apesar de seu clarividente conservadorismo. A obra fictícia de Llosa (2011) nos coloca em diálogo com essa emblemática figura; e amplia os horizontes dos leitores para outras narrativas históricas que não apenas a mestra. Os documentos históricos se pautam e uma série de necessárias exigências; o potencial da literatura se dá pelo fato de ela “não seguir essas mesmas exigências, proporcionado pelo poder subversivo da linguagem em que se articula, desafiando, ao mesmo tempo em que consola, os ideais regulatórios da sociedade” (SILVA, 2017, p. 6). Nisso, a literatura nos ajuda a olhar para grandes homens do nosso passado não como estatuetas preciosas, arquétipos idealizados do herói trágico, mas sim apenas como homens e mulheres – por vezes covardes, equivocados, estúpidos. Casement é “feito de contradições e contrastes, fraquezas e grandezas, já que um homem [...] é muitos homens, o que quer dizer que anjos e demônios se misturam na sua personalidade de forma inextricável” (LLOSA, 2011, p. 386). Anjos e demônios se misturam de tal modo na personalidade do herói histórico que o passado imperialista de Casement precisa ser relativizado. Afinal, como Agra (2013, p. 4) postula, “não se pode simplesmente estabelecer uma luta binária entre colonizado versus colonizador”.

O próprio escritor Mário Vargas Llosa consiste, ele mesmo, numa figura bastante polêmica. Ainda que aqui ele dê voz, através de seu romance histórico, ao revolucionário Roger Casement; ao longo de sua vida, por vezes o escritor se comporta como colonizado e por vezes como colonizador. Migrando da esquerda para a direita, do Peru para a Espanha, e demonstrando apoio por sujeitos que antes foram seus rivais (e muitas vezes deveriam seguir sendo), aqui autor e objeto se misturam – evidenciando que a nossa história pode ser bem mais bagunçada do que imaginávamos. “Seria

assim toda a história? Aquela que se aprendia no colégio? A história escrita pelos historiadores? Uma construção mais ou menos idílica, racional e coerente do que na realidade nua e crua foi uma caótica e arbitrária mistura de planos” (LLOSA, 2011, p. 114). Desse imbróglio de interesses, acasos e intrigas brota uma narrativa sustentada pela sua unilateralidade e objetividade – mas que, na verdade, se estrutura sobre um frágil cenário de cristal. A ideia de revisitar, “retraduzindo” a história de Casement, se encaixa no projeto revisionista do pós-colonialismo. De acordo com Niranjana (1992, p. 31, tradução minha) “a demanda pós-colonial da retradução é coerente com a necessidade de uma história reescrita. Reescrever é um ato que se baseia na leitura, sendo que a tradução, dentro de um contexto pós-colonial, configura [...] ‘citação’ e não o ‘total esquecimento’”. Essa retradução enquanto conceito, portanto, emerge do argumento de que “mais do que simplesmente idealizar uma ruptura com o passado, há, aqui, a defesa pela reescritura radical dele” (NIRANJANA, 1992, p. 32, tradução minha).

Quando o Outro deixa de ser visto como o meu contrário (a oposição ao “Eu”), ele passa a ser reinterpretado como parte formadora do ser – como um “avesso de mentirinha”, algo que eu preciso ser em negação, para que também possa ser positivamente. A volição de Casement para reorganizar a barbárie do mundo, levando o progresso, e purificar os nativos, em sua fase mais imperialista, pode ser interpretada como um indicativo de sua própria condição como um patriota despatriado e um ser sexual que deseja o absurdo. Sua obsessão pela ordem do mundo, talvez, seja um sinal que, dentro dele, tudo estava fora de ordem. O Outro, de Casement, que antes serviu para a reafirmação de si, passa então a dominá-lo: ele se torna inimigo de si mesmo – e do império que antes representava. A recondução histórica desse personagem para novos leitores através de

uma obra de ficção, portanto, é efetivamente levada a cabo. Mesmo porque, como coloca Neneve (2003, p. 164, tradução minha): “Problematizando essa construção fixa do espaço e da linguagem, a literatura vem provocar uma tensão entre, de um lado, a cultura imposta e internalizada e do outro a resistência”. Neste entrelugar da tensão entre aquilo que lhe foi imposto e sua necessidade de, eventualmente, resistir, Roger Casement vive o pesadelo de sonhar com um mundo diferente. No Congo, no Peru e no Brasil, ele percebe que a corrupção do Império ganha força – espalhando seus tentáculos por onde passa. Aquilo que Casement fez pode parecer pouco, mas seus relatórios sobre os direitos humanos escancararam as crueldades que por muito tempo o império britânico jogava para debaixo do tapete; ademais, seus esforços pela independência da Irlanda em poucos anos gerariam frutos: a independência da República da Irlanda. Talvez, a questão mais incômoda acerca de Casement que gostaria de deixar ao final dessa análise é a ciência de que, caso não fosse homossexual, a história muito provavelmente teria sido consideravelmente menos ingrata com ele.

3. Considerações finais

Percebe-se que a literatura funciona nesse caso como um substituto para a história desses sujeitos. É um dispositivo testemunhal, mas não jurídico, dessa experiência. A autoridade sagrada do literário precisa então ser profanada a fim de se reconhecer que ela supostamente existe a favor da norma, não sendo jamais descompromissada nem ausente do mundo – é um ato de ficção que é um ato performativo. (SILVA, 2017, p. 6)

Roger Casement, protagonista do romance *O sonho do celta* (LLOSA, 2011), é uma personagem baseada em uma figura histórica que existiu e que lutou muito pelos seus ideais – que se transformaram, eles mesmos, ao longo do tempo

em que esse homem viveu. Dos documentos históricos, entretanto, ele foi excluído, recusado, rejeitado; Casement segue sendo lembrado, mas a cortina de esquecimento que vela sua memória se escancara para outras figuras, menos incômodas para os valores e paradigmas ocidentais. O romance, aqui, substitui sua história; sua personagem é uma representação holográfica de quem ele “poderia ser” caso fosse lembrado; e, seus inflamados discursos, o dispositivo testemunhal ao qual tão pouco acesso ele teve enquanto era vivo. Quantos Roger Casement existiram na história ocidental? Quantos sujeitos que, no movimento de oposição que fizeram com relação às autoridades, foram descreditados, desmoralizados, e efetivamente destituídos do papel que tiveram? Papéis que, como no caso de Casement, lhes foram atribuídos pelas próprias autoridades que lhes trairia posteriormente?

É difícil hipotetizar acerca daquilo que não vemos; mas não é inimaginável que muitos sujeitos como Casement tenham vivido e desaparecido. Ademais, sujeitos que se rebelam e que carregam no corpo uma identidade periférica podem ser invisibilizados com uma tranquilidade ainda maior por parte de seus opressores. Gays, transexuais, negros, aborígenes, mulheres dentre tantos outros grupos e subgrupos, por já não se encaixarem na narrativa mestre, precisam de uma dedicação especial do tempo para ser lembrados. Mas o tempo passou; e Roger Casement permanece – um dia, talvez, a lembrança dele seja maior do que a lembrança de outras figuras históricas mais hegemônicas do que ele (essas, sim, a meu ver dignas de esquecimento).

Quem traduz, se inspira num original para reescrever uma certa história aos seus novos leitores. O autor do romance cuja narrativa se inspira na história de outrem, desse modo, pode, também, performar como uma espécie de tradutor. É como se houvesse um vácuo, um abismo, entre aquilo que

Roger Casement foi e aquilo que nos foi permitido saber acerca dele. A arte e a tradução, aqui, podem ser compreendidas como dois elementos que se aliam nessa recriação de uma memória fictícia – porém, nem por isso, menos relevantes do que a memória “real” (e inacessível). O Roger Casement de *O sonho do celta* (LLOSA, 2011) não é um personagem real; e, mesmo que o livro fosse uma biografia ou autobiografia, tampouco seria este o caso. A partir do momento em que um sujeito deixa de ser, aquilo que permanece são os fantasmas de si mesmo – que se mantêm operantes no mundo através de seus feitos, seus textos, aquilo que se diz ou se escreve sobre ele enquanto era vivo e aquilo que se diz ou se escreve sobre ele depois de morto.

Homenageado por Vargas Llosa (2011), Roger Casement é convidado a revisitar olhares de leitores contemporâneos; leitores que podem se interessar por sua história tanto quanto eu me interessei ao propor essa breve reflexão. Frente ao silêncio e ao apagamento dos silenciados, a tradução e a literatura (assim como a arte de forma geral) batem, às vezes juntas, de frente contra as narrativas mestras sobre o nosso passado – e sobre aquela que, por vezes sem perceber, podemos julgar ser nossa memória universal. *O sonho do celta* (LLOSA, 2011) é uma oportunidade de repensarmos em quem são os nossos heróis e a razão disso. Será que lembramos de quem deveríamos lembrar? Ou será que, geração após geração, é precisamente destes que temos esquecido?

Referências

- AGRA, Klondy. A Teoria Pós-Colonial na Tradução: Caminhos à Descolonização Através da Arte e Educação, **Biblioteca online de ciências da comunicação**, 2013, pp. 1-10
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**, Tradução: Ávila, M.; Reis, E. & Gonçalves, G. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998.
- DUDGEON, Jeffrey. Roger Casement: The Black Diaries - with a study of his background, sexuality, and Irish political life. Belfast: Belfast Press, 2016.
- LLOSA, Mario Vargas. **O Sonho do Celta**. Tradução: Paulina Watch e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- NENEVÉ, Miguel. Translating back P.K. Page's Work, Some Comments on the Translation of Brazilian Journal into Portuguese, in: **Interfaces Brasil/Candá**, vol.1, no3. Belo Horizonte, 2003.
- NIRANJANA, Tejaswini. **Siting Translation: History, Post-Structuralism & Colonial History**: Post-structuralism and the Colonial Context. California: University of California Press, 1992
- SILVA, Leandro Soares. “Literatura, homossexualidade e o direito à história”. **Anais do V Seminário internacional: Enlaçando Sexualidades (10 anos)**. 2017. pp. 1-11

Submissão: fevereiro de 2022.

Aceite: maio de 2022.